

Apresentação

Apresento ao público o primeiro volume da coletânea de artigos intitulada *A nova (e a antiga) realidade do mais-valor*. Ele compõe o ponto de partida dos lançamentos que pretendo organizar anualmente sobre questões teóricas, empíricas e metodológicas que orbitam ao redor de uma das principais categorias da sociedade capitalista. À luz do mais-valor, o mote desta primeira edição enfoca os desafios de compreensão das múltiplas tendências dimensionais do trabalho no primeiro quarto do século XXI, do qual somos tragicamente contemporâneos.

A realidade demonstra que - ao contrário das muitas teses que previam a fragilização da exploração do *tempo de trabalho socialmente necessário* no contexto do capitalismo marcado pelos chamados trabalho informacional, digital, imaterial, comunicativo, cognitivo etc. - as sociabilidades contemporâneas têm intensificado e diversificado os mecanismos de produção, circulação e distribuição do mais-valor, sofisticando a rudeza das relações sociais capitalistas.

Ao mesmo tempo, evidencia-se a dificuldade latente posta na tão antiga e duradoura falta de consenso sobre no que consistiria, de fato, o mais-valor. Como definir, ou melhor, como apreender suas determinações mediante o movimento real da sociedade capitalista? Por quais meios específicos o capitalismo contemporâneo produz e reproduz suas leis? Ou ainda, como querem alguns teóricos distópicos, se o mais-valor deixa de ser uma categoria relevante, como explicar a brutal exploração do trabalho de plataforma, do trabalho digital, do trabalho imaterial e da continuidade da precarização do trabalho manual e fabril?

Nas delimitações deste amplo e complexo assunto, o livro em tela pretende contribuir à pluralidade científica do debate, o que justifica a inserção de visões diferentes, e às vezes complementares sobre *mais-valor, trabalho e capitalismo contemporâneo*. Do leitor que porventura se interessar na leitura deste livro, suponho um mínimo de capacidade crítica e abertura à diversidade para se aproximar ou afastar das interpretações que julgar conveniente. O livro apresenta oito capítulos dispostos de acordo com possíveis continuidades temáticas, que não necessariamente se traduzem em confluência teórica.

No primeiro capítulo, nomeado *Polêmicas sobre a abrangência do mais-valor na esfera da produção imaterial*, de minha autoria, demonstro que a principal marca dos debates sobre o mais-valor gira ao redor das relações que a materialidade do

resultado do trabalho teria com a efetivação do excedente econômico. A maior parte dos autores clássicos confunde o caráter útil do trabalho (se ele é material ou imaterial, por exemplo) com sua capacidade de produzir ou não produzir valor. Marx foi o primeiro pensador a considerar a produção imaterial como uma esfera produtora de mais-valor, um feito cuja relevância é praticamente desconsiderada ou mal interpretada por grande parte da teoria social contemporânea, inclusive marxista. Este texto representa um ponto de partida necessário para os debates realizados nos capítulos seguintes.

O segundo texto, de autoria de Kaan Kangal, aborda o interessante debate sobre o trabalho imaterial na economia da informação. Embasado nas menções que Marx realiza sobre o trabalho imaterial, o autor mantém um diálogo crítico com Sean Sayers a respeito da recepção deste conceito no âmbito da compreensão do modo de produção capitalista. Trata-se do texto *O conceito de trabalho imaterial em Sean Sayers e a economia da informação*. É importante salientar que Kangal é um dos mais destacados e qualificado jovens marxistas do cenário mundial.

Sean Sayers - professor emérito na Universidade de Kent cuja grandeza não cabe nas poucas linhas desta apresentação - publicou o terceiro texto, aqui traduzido sob o título *Trabalho imaterial e a economia da informação: resposta a Kaan Kangal*, no qual apresenta uma réplica às críticas e elogios que Kangal o direcionou. Neste rico debate, Sayers elucida sua visão sobre o lugar do trabalho imaterial no contexto de recusa da teoria marxiana como explicação eficaz dos processos capitalistas contemporâneos nos termos de Negri, Lazzarato, Hardt e outros; promovendo uma sofisticada defesa da atualidade de Marx.

Como continuidade, no artigo *Para uma teoria marxiana da comunicação*, Christian Fuchs elabora uma interpretação vigorosamente materialista e dialética do fenômeno comunicacional, do trabalho comunicativo no capitalismo, das relações entre ideologia, fetichismo e comunicação. Seu texto apresenta profundidade e consistência investigativa tanto nas categorias marxianas quanto na boa tradição marxista, o que condiz com sua crítica à comunicação fetichizada e no apontamento da necessidade de uma comunicação coletivizada em uma sociedade emancipada. Trata-se de uma grande contribuição do mais relevante estudioso marxista contemporâneo na temática do *trabalho digital*.

No quinto capítulo, Angélica Soares Gusmão realiza um fecundo exame crítico da Teoria Crítica (Adorno, Horkheimer, Habermas) concernente à suposta invalidade do mais-valor no âmbito da diminuição da produção fabril no capitalismo recente, assim como a respeito da pretensa limitação dos sentidos da emancipação em Marx. Com

uma brilhante capacidade crítico-expositiva, o texto *Um juízo sobre a crítica da teoria crítica: a impertinência do mais-valor* está à altura da autora que recentemente defendeu sua tese de doutoramento na Universidade de Coimbra abordando a questão da transição para a História, largamente embasada na teoria de Marx e Engels.

José de Lima Soares – professor, militante e intelectual que ocupa o seletor grupo de autores clássicos da sociologia do trabalho brasileira – nos brinda com um elegante capítulo sobre a capacidade de o cinema apreender e apresentar, esteticamente, determinações importantes do modo de produção capitalista no âmbito da exploração do trabalho por plataformas. É neste sentido que o *O cinema de Ken Loach e dos Irmãos Dardenne e o mundo do trabalho no contexto do capitalismo de plataforma no século XXI* apresenta a produção cinematográfica articulada com uma profunda compreensão das categorias sociais marxistas, ressaltando a necessidade de incorporação da crítica ao modo de produção capitalista em diversas frentes.

A temática sobre o trabalho em plataformas digitais também é abordada no capítulo *Parceiros, mas não muito! Uberização do trabalho e exploração dos motoristas por aplicativo* escrito em coautoria entre Martín Andrés Moreira Zamora e Fabio Bittencourt Meira, ambos pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com experiência teórica no assunto. O texto flui por diversos aspectos relevantes para a compreensão do capitalismo contemporâneo sob a égide da indústria 4.0 e da produção de valor através de aplicativos, tomando a plataforma Uber como objeto de investigação.

Para fechar a obra em altíssimo nível, o texto *O novo caráter do mais valor: cárcere-fábrica e a superexploração do trabalhador encarcerado* examina questões obscuras do trabalho em uma das parcelas mais precarizadas da classe trabalhadora. O trabalho prisional possui contornos específicos, e seu uso para fomento do modo de produção capitalista através da criação direta de mais-valor tem se intensificado contemporaneamente. Este é o fulcro da discussão promovida por Sara de Araújo Pessoa e Felipe de Araújo Chersoni, ambos pesquisadores na área do direito, que se valem de uma sólida envergadura teórico-metodológica com referências marxistas dentro da rica teoria da dependência.

Antes de concluir, devo agradecer especiais a David Laibman, editor da revista *Science & Society*, e a Christian Fuchs, coeditor da revista *TripleC*; pela imensa colaboração na autorização dos artigos internacionais publicados. Igualmente, agradeço a Editora Claec e o esforço das autoras e autores que, ao participarem deste

A nova (e a antiga) realidade do mais-valor: diálogos sobre trabalho e capitalismo no século XXI
Apresentação

livro, atuaram na abertura de mais uma trincheira científica na crítica às sociedades baseadas no mais-valor.

Boa leitura!

Prof. Dr. Vinícius Oliveira Santos